

**CINCO  
TERÇAS  
DE INVERNO**

**CONTOS**

**LILY KING**

TORBSILHAS

Tradução  
Laura Folgueira

# SUMÁRIO

Criatura	7
Cinco Terças de Inverno	47
Combina com a Dordonha	73
Mar do Norte	101
Linha do Tempo	131
Hotel Seattle	155
Esperando por Charlie	175
Mansarda	185
Sul	199
O Homem na Porta	215
Agradecimentos	239



# CRIATURA

AMOSTRA



No verão dos meus catorze anos, poucos meses depois de a minha mãe tirar a gente da casa do meu pai, me ofereceram um emprego na Ponta das Viúvas como babá para os netos de uma velha os quais viriam visitá-la por duas semanas. A Sra. Pike deixava todos os vestidos para ajuste na oficina da minha mãe e as duas fizeram esse combinado sem me consultar. Não era como meus outros trabalhos de babá, algumas horas por vez. Eu teria que morar lá. Não consigo lembrar a conversa com a minha mãe, se eu queria ir ou se tentei me opor. Na época, eu me opunha a muitas coisas.

A Ponta era um pedaço de terra em formato de frigideira que entrava no Atlântico. Além dela, na maré baixa, dava para ver um crescente de rochas em alto-mar, mas, na maré alta, a água as escondia completamente. Sem dúvida tinham sido aquelas rochas que, centenas de anos antes, criaram as tais viúvas. Meu pai ainda era dono da casa em que eu fora criada, no cabo da frigideira, e, para chegar à casa dos Pike a partir de nosso apartamento, no centro, eu precisava passar de bicicleta por ele. Ele estava na reabilitação de novo, dessa vez em New Hampshire, mas mesmo assim eu abaixava a cabeça enquanto pedalava. A única coisa que via era o canteiro de flores ao longo da rua, negligenciado desde o último outono, novos brotos e botões tentando sair por entre

cascas marrons. Era a terceira vez que nos mudávamos de lá, e eu esperava que fosse a última.

Depois disso, a estrada entrava em declive, começando a dar a volta na Ponta. Uma placa ornamentada anunciava VIA PARTICULAR. Cercas altas escondiam a maioria dessas casas mais chiques, dando a sensação de haver vegetação demais, uma coisa meio Bela Adormecida. Quando éramos pequenos, pedalávamos por ali apesar da placa e nos assustávamos acreditando que, se fôssemos pegos, seríamos presos, mas nunca ousamos entrar em uma das vagas de carro. Mesmo assim, conhecíamos todos os pilares, todas as placas com os antigos nomes já quase ilegíveis.

O caminho até a entrada da casa dos Pike era bem mais longo do que eu pensara. Antes, o sol quente batia em minhas costas, mas agora estava fresco e sombreado, com enormes árvores tremulando de cada lado. A única outra pessoa que eu já vira fazendo algo como o que eu estava fazendo era Maria, de *A noviça rebelde*. Eu não me lembrava da música sobre coragem que ela cantava ao caminhar, com o violão, da abadia até a mansão dos von Trapp, então cantei “Eu só tenho dezesseis anos” até uma buzina explodir atrás de mim e eu desviar, cair em uma vala rasa e tombar suavemente da bicicleta nas folhas do ano anterior.

Em cima de mim, um homem de terno preto e gravata-borboleta me chamou.

— Tá respirando? — acho que foi o que ele disse. Ele tinha sotaque, enrolava a língua.

Falei que estava. Ele não desceu para o barranco de folhas nem me ajudou, mas esperou até eu e minha bicicleta voltarmos ao caminho. Tinha o rosto esguio e a cabeça perfeitamente redonda e careca, de modo que os dois juntos pareciam uma bola de sorvete numa casquinha.

— Você veio disciplinar os pequenos?

— Vim — respondi, incerta.

— Então, te encontro lá embaixo. Dá a volta pelos fundos. À esquerda. Não pelo lado da garagem. — Ele colocou a tônica na sílaba errada, falando *gáragem*.

Foi só depois de ele sair que notei o carro, com o motor metálico, e sem teto, e com um capô que parecia um nariz longo e fino. Era uma antiguidade. Ouvi de novo a buzina, muito alta, mesmo àquela distância. E nada parecida com a de um carro normal. Parecia mais o sinal do intervalo num jogo de futebol americano. Não era à toa que tinha me jogado para fora da estrada. A palavra “cláxon” me veio à mente e ficou flutuando lá enquanto eu serpenteava pelo resto do caminho. Eu estava no meio da leitura de *Jane Eyre*, que era a tarefa das férias. Imaginei que a palavra viesse de lá.

A casa ficou visível. Lentamente. A estrada fazia uma curva, e vi uma parte do imóvel, depois mais um pouco, conforme seguia, até a coisa toda estar esparramada à minha frente. Era uma mansão. De pedras cinza e brancas com torreões e sacadas, e outras coisas que se projetavam, ou arqueavam, ou reentravam, e para as quais eu não tinha vocabulário. A gente já imaginava que era uma mansão, porque as pessoas falavam dela desse jeito, mas só conseguíamos mesmo pensar em algo como nossas pequenas casas, só que bem mais larga e mais alta. Mas mansões, pelo jeito, não eram feitas de madeira. Eram feitas de pedra. Havia uma grande procissão curvada de degraus levando à porta da frente, mas lembrei que tinha de *dar a volta pelos fundos*.

Os fundos não me pareceram menos chiques do que a frente, menos degraus para chegar até a porta, mas as mesmas colunas

entalhadas e balaustrada de pedra em torno de uma varanda ampla. O homem da estrada estava me esperando, junto com uma mulher de vestido listrado e sapatos brancos. Eles subiram comigo e entramos na casa por um corredor escuro que dava em uma despensa com uma mesa quadrada coberta com oleado xadrez e três cadeiras que não combinavam entre si.

A mulher me perguntou se eu estava com fome, e, embora eu tenha dito que não, ela trouxe bolachinhas salgadas e fatias de um queijo laranja. Apertou uma rodinha com raios numa maçã, produzindo oito pedaços iguais, e jogou fora o centro. Os dois se sentaram comigo. Perguntei-me por quê, se tinham aquela casa inteira, estávamos num cômodo tão pequeno e desolador.

— Cadê seus filhos? — perguntei à mulher. Imaginei que ela fosse mais minha chefe direta do que o pai.

Eu nunca tinha visto um adulto ficar vermelho de vergonha. Com ela, foi instantâneo, como era comigo, e da pior cor imaginável, como se o próprio sangue estivesse prestes a derramar.

— Eu não tenho filhos — respondeu ela. O suor brilhou acima de seu lábio, e ela se levantou rápido para levar meu prato à pia.

O homem riu.

— As crianças de quem você vai cuidar não são de nenhum de nós! Leve a coitada lá para cima para explicar tudo.

Segui a mulher por três lances de escadas de serviço, degraus de madeira sem carpete com um corrimão oleoso e um cheiro de batata frita. Viramos em um corredor amplo cheio de luz vinda de longas janelas que emolduravam o céu azul acima de nós. Passamos por pelo menos cinco quartos até ela apontar um à esquerda, como se acabasse de escolhê-lo para mim. Mas, quando espiei lá dentro, vi um conjunto de toalhas no pé da cama e a mala verde da minha mãe em um bagageiro de madeira.

Pareceu, por um momento, que, ao entrar no quarto, eu ia encontrar minha mãe também, mas, quando o fiz, estava vazio. Eu tinha esquecido que ela havia trazido a mala no domingo. A mulher contou que se chamava Margaret e que estaria lá embaixo na cozinha sempre que eu precisasse dela.

— Os pequenos estão na praia com a mãe, mas devem voltar na hora da soneca. Aí, com certeza, vão vir te procurar. — O soquete dela não era como o do homem. Estrangeiro, mas diferente. Percebi que talvez nem fossem casados.

Quando ela saiu, fechei a porta e olhei ao redor do quarto. Era o primeiro que não tinha nada a ver com meus pais, os gostos ou as regras deles. Eu me sentia como Marlo Thomas em *Que garota*, uma moça com seu próprio apartamento. Era um quarto simples, com duas camas de solteiro cobertas com as mesmas colchas brancas de tricô, as colunas estriadas de carvalho subindo até o nível dos olhos e se estreitando em pinhas. A mesa de cabeceira entre as duas era pequena, coberta com um retalho de calicó, e tinha espaço só para um abajur de vidro de corrente, e um cinzeiro, também de vidro, com um touro no centro e quatro entalhes na borda, para colocar os cigarros. Eu fumava um pouco quando era mais nova, no bosque com minha amiga Gina, mas tinha superado essa fase. Embora o cinzeiro estivesse limpo, dava para sentir o cheiro de cinzas velhas, então guardei na gaveta bamba do móvel.

Eu tinha um banco de janela! Corri até lá como se ele fosse desaparecer e me deitei de barriga para baixo na longa almofada curva. Havia três janelas enormes que se arqueavam para formar um meio círculo – toda essa metade do meu quarto era curva – e foi só aí que percebi que estava *dentro* de um dos torreões que tinha visto da estrada.

Apertei o nariz contra o vidro, inspirei seu cheiro metálico e empoeirado e olhei para o caminho de cascalho e o gramado aparrado lá embaixo, levando a um campo malcuidado com árvores altas e algumas flores selvagens que acabava abruptamente num penhasco que dava para o oceano. Pensei nos meus pais e em suas brigas por dinheiro, no meu pai morando no que minha mãe e eu achávamos que era uma casa grande, agora que morávamos em um apartamento de um quarto que não me parecia em nada com o de *Que garota*. Embora talvez para minha mãe – que ainda estava na casa dos trinta anos, tinha um sorriso bonito e, como vivia dizendo, muitas coisas a seu favor – fosse. Eu queria mostrar aos dois meu quarto nesta mansão, mas também não queria. Queria que fosse só meu.

De repente, o chão parecia estar muito lá embaixo e uma fuga distante demais. Afastei os pensamentos sobre *Rapunzel*, uma história que sempre me deu medo, e sobre Charles Manson, de quem o irmão mais velho de Gina havia nos falado na primavera. Abri a mala e tirei *Jane Eyre* e um caderno novo que eu tinha comprado. Mas não estava com vontade nem de ler nem de tomar notas, então, comecei uma carta para Gina. Conteí a ela de passar pela casa do meu pai e ver os canteiros de flores largados, *toda a morte e a nova vida emaranhadas*, escrevi, me surpreendi, e segui escrevendo.

Mais de uma hora depois, uma perua azul-marinho veio pela entrada da *gáragem*. Minhas janelas estavam fechadas, mas eu vi que o menininho estava chorando ao sair do carro e a menininha estava dormindo quando a mãe a tirou do banco de trás e a pendurou no ombro. Pensei que devia descer e ajudar a descarregar as toalhas e os brinquedos do carro ou pegar a menina adormecida e colocá-la numa cama em algum lugar, mas não descí. Não

estava com pressa de virar empregada. Fiquei no meu torreão, esparramada no banco da janela até, meia hora depois, alguém bater na porta e o trabalho começar de verdade.

Não foi difícil, pelo menos até Hugh chegar. Margaret fez todas as refeições e Thomas, o homem com cabeça de sorvete de casquinha, serviu e lavou tudo. Uma mulher chamada Sra. Bay veio pegar a roupa suja, incluindo as fraldas de pano nojentas que Kay, a mãe das crianças, insistia em usar. Quando conheci Kay, no primeiro dia, ela botou Elsie em uma de minhas mãos, Stevie na outra, e disse:

— Preciso mijar urgente, Carol.

E saiu correndo. Voltou logo, me deu um abraço e me agradeceu por ter vindo, como se fôssemos velhas amigas e eu estivesse visitando. Eu estava ciente da diferença de idade entre nós – eu tinha catorze e ela, vinte e nove –, mas, para ela, que passava os dias com uma criança de dois e uma de quatro, eu devo ter parecido mais velha do que era. Kay agia diferente perto da mãe, ficando tensa e quase em silêncio. A Sra. Pike nos dizia a cada manhã, na sala de café da manhã, como seria o dia. Kay assentia conforme a mãe contava suas ideias – a Sra. Pike queria que ela fosse ver velhas amigas, jogar tênis no clube, visitar a antiga tutora de alemão que dissera que ela tinha muito potencial –, mas, assim que a mãe saía da sala e ia para a escrivania, Kay virava-se para mim e criava um novo plano.

Levamos as crianças a várias praias diferentes, a um museu de caça à baleia, a um aquário, muitas vezes parando para almoçar na sorveteria onde fazíamos nossos próprios sundaes. No início da tarde, eu brincava com as crianças na piscina enquanto Kay

lia um livro numa espreguiçadeira na grama, depois eu as levava lá para cima para tirar a soneca. Elas nunca resistiam às sonecas. Depois da atividade da manhã, do sol quente e de nadar, estavam prontas para cair na cama fresca dentro da casa escurinha e pegar num sono pesado. Enquanto eu lia e cantava para os dois, imaginava ir para meu quarto e dormir também, mas, quando chegava ao meu torreão do terceiro andar, sempre surgia uma nova onda de energia. Continuava a carta que tinha começado para Gina sobre minha vida na mansão Pike. Lia *Jane Eyre*. De repente, agora que eu também morava numa casa enorme e cuidava de duas crianças, me sentia muito mais próxima de Jane. Logo, minha longa carta assumiu o tom e o vocabulário de Charlotte Brontë, o que fez Gina rir de mim sem dó depois. Mas eu estava testando as coisas, a vida como a protagonista de *Que garota*, a vida como Jane Eyre, a vida como uma escritora sozinha em seu quarto, que no fim, depois de muitas outras coisas, foi o que me tornei.

Quando as crianças acordavam da soneca, eu brincava com elas no gramado até a fome deixá-las mal-humoradas, aí entrávamos para ver Margaret na cozinha e lanchar. O jantar só era servido às oito, quando eu forçava Elsie a se sentar no cadeirão (ela preferia um colo, especialmente a essa hora), depois me retirava para a cozinha, onde recebia meu jantar na mesa coberta com o oleado. Às vezes, Thomas ou Margaret se sentavam comigo por um ou dois minutos, mas ficavam se levantando sem parar para empratar e servir um novo prato. Steve e Elsie raramente aguentavam até a sobremesa. Kay muitas vezes colocava a cabeça para dentro da cozinha, sinalizando que era para evacuá-los lá para cima. É claro que eles resistiam. A sobremesa lhes tinha sido prometida como recompensa pelo bom comportamento no jantar, mas eles haviam “feito manha”, como dizia a Sra. Pike, e

a saída dos dois da sala de jantar nos meus braços era barulhenta, deixando um rastro como a cauda de uma pipa, que ia até a ampla escadaria frontal, passava pelo patamar com dois sofás sob as janelas e chegava até os quartos deles no segundo andar.

Os primeiros seis dias foram assim. Aí, Hugh chegou. Ele estacionou um Malibu sedã arranhado. Era hora do café da manhã, que eu tomava na sala de jantar para ajudar a conter a energia matinal das crianças. Foi Margaret quem notou. Fomos todos até a *loggia*, como chamava a Sra. Pike, um pórtico coberto sustentado por uma série de arcos que dava para a entrada de carros.

— Mas era para Thomas pegar você em Logan hoje à tarde — disse a ele a Sra. Pike, começando a descer todos aqueles degraus.

Hugh apoiou as costas no carro.

— Então volto para o aeroporto à tarde e espero por ele.

— Não fale bobagens. — A Sra. Pike, usando meia-calça e salto alto, dava com cuidado cada passo instável.

— Olhe só para ele. Não dá nem um passo na direção dela — falou Kay para mim. Depois, dirigindo-se a ele lá embaixo: — Cadê a Molly Bloom?

— A Molly Bloom arrumou um emprego novo.

— Ela *não vem*?

— Não. — Ele puxou uma mala de mão de lona do portamalas. — Eu sou todo de vocês.

Quando a Sra. Pike chegou ao cascalho, ele estendeu os braços e disse:

— Mãe Natureza.

Ela tirou os calcanhares do chão para beijá-lo.

— Quem é Molly Bloom? — perguntei a Kay enquanto esperávamos que subissem. Eu estava com Elsie no colo e ela com

Stevie. Os dois estavam se contorcendo, mas os ignoramos. Kay e eu já tínhamos chegado naquele ponto de não precisar nos comunicar sobre as crianças, não precisar apontar como aqueles degraus íngremes seriam perigosos para elas.

— A esposa de Hugh.

Hugh parecia jovem demais, desmazelado demais para ter uma esposa. Parecia um menino voltando para casa do internato. Era magro e parecia ainda estar crescendo, as calças rasgadas e sujas dois centímetros mais curtas, os braços esperando mais músculo. E tinha um cabelo rebelde de adolescente, cheio de fios arrepiados e impossível de domar. Ele subiu os degraus abraçado à mãe, e os dois pareciam um par de filme, a senhora rica ficando amiga do mendigo.

Quando chegou ao topo, ele jogou os braços ao redor da irmã e de Stevie, apertando até eles darem um guincho.

Ele se virou para mim. Seus olhos eram de um verde pálido e aguado.

— Uma estranha em nosso meio.

— Esta é a Carol. É ajudante da minha mãe.

— Olá, Cara. — Ele bagunçou o cabelo de Elsie em vez de apertar minha mão.

— Carol — corrigiu Kay.

Mas ele não prestou atenção. Estendeu os braços, levantou Stevie bem alto no ar e começou a cantar uma música sobre alguém implorando para um médico dar mais comprimidos.\*

---

\* A letra da música “Mother’s Little Helper”, dos Rolling Stones, diz: “Doctor, please, some more of these / Outside the door, she took four more” [em tradução literal: “Doutor, por favor, mais alguns / Em frente à porta, ela tomou mais quatro”]. [N. da T.]

Stevie deu uma risada aguda.

A música continuou na minha cabeça. Os Stones. “Mother’s Little Helper.” O fato de ele não ter sido direto, ter confiado que eu ia entender, me deixou radiante.

— Coloque o menino no chão, senão ele vai acabar acordando os mortos — disse a Sra. Pike.

Hugh o colocou de pé com uma celeridade exagerada, depois aproximou a boca do ouvido de Stevie.

— Você vai acordar os mortos — falou, num grunhido lento. — E, por aqui, os mortos são nossos únicos amigos.

Stevie enfiou o rosto na perna da mãe.

— Hughie, ele tem quatro anos, misericórdia — disse Kay.

— Misericórdia? Você por acaso é a Sra. Milkmore? — Ele se virou para mim. — Você conhece a Sra. Milkmore?

— Isso sim que é acordar os mortos. Senhor! — disse Kay.

— Será que ela está morta? — Hugh se endireitou, estufou o peito e falou com o maxilar enviesado para um lado e uma voz que parecia um pigarro. — Misericórdia, Kay, vá trocar de saia. Você não estuda na Colônia Nudista Ashing!

— Ah, meu Deus, você falou igualzinho a ela. E ela disse isso mesmo, né?

Atrás deles, a Sra. Pike deslizou porta adentro. Vi o branco da camisa e o marrom da saia xadrez tremularem numa janela a caminho de sua escrivania. Hugh olhava na direção da piscina e do oceano atrás dela.

— Estou tendo flashbacks do casamento.

Kay observou a mãe pela janela.

— Bom, a gente a fez fugir em menos de um minuto. Deve ser um recorde.

— O que vem fácil vai fácil.

— O que eu mais lembro — continuou Kay, virando-se de volta — é aquele pastor chorando.

— É o que todo mundo lembra. Ele roubou a cena. Onde ela o encontrou?

— Acho que era o cara das atividades de férias na igreja.

— Não era, não. Não era o reverendo Carmichael.

— Reverendo Carmichael? Como diabos você sabe esse tipo de coisa? A gente nunca foi naquela igreja. Eu nunca sei se você está só falando merd\*... — Ela cobriu a boca.

Hugh arregalou os olhos verdes brilhantes. A parte branca era cheia de fios vermelhos-vivos. Ele baixou a cabeça na direção de Stevie.

— Mamãe falou uma palavra feia.

Stevie deu uma risadinha desconfortável.

— Então, flashbacks do tipo bom? — perguntou Kay.

Ele mirou de novo a distância e fez que sim devagar. Tinha mais a dizer, mas não disse. Coçou um dos cotovelos pontudos. Aí, falou:

— Foi mágico. Como um sonho longo.

Ele se virou de volta e me olhou.

— Elsie está te fazendo uma linda pulseira de cocô mole.

A fralda de Elsie estava vazando no meu pulso. Enquanto subia correndo as escadas escuras e largas, eu me senti leve, meu peito cheio de algo novo e emocionante, um hélio que me elevava de degrau em degrau e dificultava minha respiração, mas que também era, por algum motivo, desnecessário. O cocô tinha encharcado a fralda de pano inútil e a capa de borracha, e precisei trocar toda a roupa dela. Desci às pressas de volta para o pátio da frente, mas eles tinham ido embora.

\* \* \*

Hugh mudou o ritmo de todo mundo. As crianças esperavam que ele acordasse. Eu esperava que ele descesse antes de sair de casa. Kay esperava pela tarde, quando ele se juntaria a nós na piscina e ela poderia falar livremente sem a mãe por perto.

— Ela insiste que as crianças jantem com a gente — contou Kay a ele naquela tarde —, mas uma hora depois da porr\* do horário de eles irem dormir. É o único momento do dia em que ela os vê, e eles estão no pior momento possível. Ela não para de chamar os dois de *sensíveis e frágeis*. Eles estão exaustos pra caralh\*, mãe. — Com Hugh, Kay parecia meu pai depois de alguns drinques. Não se parecia nada com quem ela era antes.

Hugh deitou-se de costas no cimento, com os pés e as canelas dentro da água. Estava jogando um dos bichinhos de pelúcia de Stevie, um urso azul com uma estrela branca no peito, bem alto e pegando de novo. Stevie olhava nervoso da parte rasa onde eu o puxava em uma boia vermelha redonda. Eu era uma baleia-piloto-de-aleta-longa, ele me disse, guiando o barco dele até a margem.

— Não tenho certeza se vamos ter filhos.

— Como assim? Por quê?

Hugh não respondeu.

— Raven não quer?

— Stevie — disse Hugh —, este urso quer subir no barco.

O arremesso foi fraco e o urso caiu de bruços na água. Stevie resmungou que o urso azul não sabia nadar e eu o peguei rápido, antes de o tecido absorver líquido demais. Kay ainda estava esperando uma resposta do irmão, que nunca veio.

Hugh tinha se casado com Raven (eu não tinha certeza de que esse era o nome dela de verdade ou um nome que ele havia criado, como tinha me chamado de Cara, mas todo mundo na família

usava, exceto quando Kay a chamava de Molly Bloom, uma alusão que eu só entenderia na aula de literatura do último ano do ensino médio) no jardim, no meio do ano anterior, durante o verão. Antes de ele chegar, ninguém havia mencionado isso, mas agora comentavam o tempo todo. Depois de um tempo, notei que era a Sra. Pike, mais do que ninguém, que trazia o assunto à tona. Fiquei com a impressão de que tinha sido um casamento caro e que ainda havia algumas contas a serem pagas na cidade (havia lojas a se evitar, especialmente a de bebidas, e viagens a se fazer a fornecedores distantes por causa disso). A Sra. Pike estava com a grana curta, embora eu tenha ouvido Thomas dizer uma vez que era coisa da cabeça dela e que ela arrumava um monte de problemas para si mesma por causa disso. Mas a Sra. Pike não parecia se ressentir de Hugh pelo casamento. Só precisava confirmar, várias vezes por dia, que tinha valido a pena. Para ela, lembrar-se e falar do assunto aumentava seu valor ou, pelo menos, ajudava a fazer o dinheiro ter sido bem gasto, como se fosse algo que ainda estavam usando, um eletrodoméstico caro cujo uso frequente justifica o custo.

Em poucos dias, eu já sabia tanto sobre aquele fim de semana que quase conseguia montá-lo como um filme: o brinde longo e inapropriado de Kip, amigo de Hugh, no jantar da véspera, falando da ex-namorada de Hugh, Thea; o vestido preto de Raven (que não combinava com o cabelo – apesar do nome, “corvo”, ela era loira), que chocou “as titias” (não sei de quem); Stevie carregando os anéis apoiados no Boa Noite, seu travesseiro especial – e nojento de sujo; o pastor chorão; o amigo da família que, no fim da festa, jogou o carro direto do quebra-mar e teve muita, muita sorte de a maré estar baixa.

\* \* \*

Até Hugh chegar, a Sra. Pike nunca tinha ido à piscina com a gente. Agora, ela vinha depois de sua “deitadinha” de toda tarde. No segundo dia de sua visita, Hugh e eu estávamos brincando de foca com Stevie e Elsie. As crianças flutuavam em suas boias redondas de plástico e nós mergulhávamos juntos para fazer cosquinha nos pés deles e ouvi-los dar gritinhos.

— Você me mordeu! — disse Elsie, depois de várias rodadas disso.

Hugh fechou os dentes, imitando uma mordida, e ela guinchou. Margaret saiu pelas portas do pátio, desceu os quatro degraus de lajes de pedra, e atravessou o jardim que ficava a um nível mais baixo até chegar ao portão da piscina, onde disse:

— Sua esposa está no telefone, Hugh.

— Hugh, euzinho?

O rosto de Margaret se abriu num sorriso.

— Hugh, vocêzinho.

Ele se levantou da piscina com um movimento sinuoso. A água desceu pela cabeça e pelas costas dele. Seu calção de banho verde se agarrava ao bumbum, e eu consegui ver a forma exata, duas lágrimas ossudas. Ele então deu uma chacoalhada, como se soubesse que tinha alguém olhando. Correu pela grama e, ao chegar aos degraus, os caracóis dos cabelos dele já tinham se formado de novo.

— Bom, não dá para dizer que ele não continua completamente apaixonado — comentou a Sra. Pike.

— Não, não dá — concordou Kay.

Sem Hugh lá, elas agora mal pareciam se conhecer. Kay estava tensa em sua espreguiçadeira, as mãos descansando num livro de capa dura virado para baixo no colo dela, e eu sabia que ela queria voltar a ler. Mas a Sra. Pike, em uma das cadeiras retas menores sob o guarda-sol, não tinha leitura nem distrações. E,